

Pedagogias da noite: experiências boêmias em lugares públicos da cidade

Pedagogies of the night: bohemian experiences in public places of the city

Eloenes Lima Silva¹

Resumo

O objetivo do artigo consiste em analisar como experiências boêmias vividas em lugares públicos estão implicadas com a produção e o funcionamento de pedagogias da noite na cidade. Na primeira parte do texto, as ideias de “boemia” e “experiências de aprendizagem” são articuladas teoricamente com a pluralização e expansão do conceito e dos usos de pedagogia. As opções metodológicas, apresentadas na segunda parte, destacam procedimentos de inspiração etnográfica utilizados para a construção de um percurso investigativo na noite urbana, priorizando caminhadas noturnas, registro de práticas e abordagens aos frequentadores de lugares públicos na noite da cidade de Porto Alegre, Brasil. A terceira parte apresenta discussões analíticas por meio de “cenas noturnas” compostas a partir das saídas de campo. Adoção de formas estéticas comuns, procura de bares e bebida a custos acessíveis, busca de relacionamentos e vínculos afetivos foram práticas e aprendizagens identificadas, apontando aspectos objetivos e subjetivos presentes nas experiências boêmias. Conclui-se, portanto, que as pedagogias da noite funcionam através de um duplo movimento: o contato do “eu” com o “outro” e as condições proporcionadas pelos lugares noturnos e públicos.

Palavras - chave: Educação. Pedagogias da noite. Experiência. Aprendizagem.

Abstract

The article aims to analyze how bohemian experiences lived in public places are involved with the production and functioning of pedagogies of the night in the city. In the first part of the text, the ideas of "bohemian" and "learning experiences" are articulated theoretically with the pluralization and expansion of the concept and uses of pedagogy.

¹ eloenessilva@gmail.com.

Methodological options, presented in the second part, highlight ethnographic-inspired procedures used for the construction of an investigative route in the urban night, prioritizing night walks, registration of practices and approaches to public places in the night of the city of Porto Alegre, Brazil. The third part describes analytical discussions through "night scenes" composed from field trips. Adoption of common aesthetic forms, search for bars and drinks at affordable costs, search for relationships and affective bonds were practices and learning identified, pointing out objective and subjective aspects present in bohemian experiences. Thus, it is concluded that the pedagogies of the night work through a double movement: the contact of the "I" with the "other" and the conditions provided by the nocturnal and public places.

Key words: Education. Pedagogies of the night. Experience. Learning.

Introdução

*Mas a noite chegou. É a hora estranha e
ambígua em que se fecham as cortinas do
céu e se iluminam as cidades. Os
revérberos sobressaem-se sobre a púrpura
do poente. Honestos ou desonestos,
sensatos ou insanos, os homens dizem
consigo: "Enfim, acabou-se o dia!" Os
plácidos e os de má-índole pensam no
prazer e todos acorrem ao lugar de sua
preferência para beber a taça do
esquecimento.
(Baudelaire)²*

Desde meados do século XIX, a poesia de Baudelaire já expressava as características da noite boêmia na cidade. Conservando particularidades ou adquirindo outras nuances, a boemia reinventa-se, ressignifica suas práticas, ocupa outros espaços e tempos, mesclando-se com a diversidade social e cultural contemporânea. A vida boêmia urbana proporciona inúmeras experiências para a produção de aprendizagens noturnas, estabelecendo encontros e convívios dos sujeitos entre si e com os lugares públicos, implicando potentes formas de condutas e comportamentos na noite da cidade. Ellsworth (2005) ressalta como as situações e condições da vida social contemporânea possuem

² Neste texto, utilizo fontes em itálico para destacar epígrafes, relatos dos participantes de pesquisa e fragmentos de anotações de campo.

uma “força pedagógica”, atuante por meio de significativas experiências que podem ocorrer em distintos lugares da cidade onde o conhecimento é produzido.

Aliada com as citações de Ellsworth (2005), a argumentação exposta por Giroux e McLaren (1995) de que existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido ou em qualquer ambiente em que seja possível traduzir as experiências sociais, permite-nos considerar que os ambientes contemporâneos colocam em circulação distintas pedagogias que orientam e direcionam modos de viver. Pedagogias que produzem e também são produzidas através de movimentos que conectam tanto aspectos como a espacialidade física de diferentes lugares da cidade e a realização de práticas cotidianas, quanto aspectos subjetivos como a produção de conhecimentos, habilidades e comportamentos que são aprendidos por meio das experiências vividas na noite da cidade.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo consiste em analisar como determinadas experiências de aprendizagem boêmias estão implicadas com a produção e funcionamento de pedagogias da noite na cidade. Na primeira parte do texto, as ideias de “boemia” e “experiências de aprendizagem” são articuladas teoricamente com a pluralização e expansão do conceito e dos usos de Pedagogia. As opções metodológicas, apresentadas na segunda parte, destacam procedimentos utilizados para a construção de um percurso investigativo na noite da cidade por meio de caminhadas noturnas observações, registro de práticas, abordagens e conversas e com frequentadores de lugares públicos na cidade de Porto Alegre, Brasil. Em busca de identificar como experiências são aprendidas na boemia e mostrar o funcionamento das pedagogias da noite, a terceira parte apresenta discussões analíticas por meio de “cenas noturnas” compostas a partir das saídas de campo nos lugares selecionados para a pesquisa.

Cabe destacar que este artigo se origina a partir de uma tese de doutorado que investigou como distintas pedagogias entram em funcionamento nos espaços-tempos noturnos da cidade. As informações expostas no texto fazem parte de um *corpus* de pesquisa cujos dados foram produzidos entre os anos de 2014 a 2018, partindo da seleção e investigação de determinados lugares noturnos na região central de Porto Alegre, Brasil.

1. Boemia, experiências de aprendizagem e pedagogias: articulações teóricas

Em *Educação pela Noite*, Antonio Candido (1986) atribui à obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, a instauração de um espaço literário que embora ficcional deu corpo a um processo pelo qual jovens estudantes transbordavam sua energia

na boemia e na rebeldia estética. Publicada originalmente no ano de 1855, o conto relata o encontro de seis jovens, Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius, Hermam e Johan, que lembram, no interior de uma taverna, de suas aventuras recheadas de orgias, bebedeiras, amores e adultérios. Candido (1989) salienta a narrativa do autor como uma via feroz e desmedida em que os comportamentos negam normas, fatos, acontecimentos, sentimentos e são “[...] levados ao máximo da tensão moral, até a fronteira da crueldade, da perversão e do crime, que testam nossas possibilidades diabólicas” (p. 15).

Candido (1986) segue ainda asseverando que na obra de Álvares de Azevedo há uma ligação – no que toca aos significados profundos – com

uma pedagogia satânica visando a desenvolver o lado escuro do homem, que tanto fascinou o Romantismo e tem por correlativo manifesto a noite [...]. E estou me referindo não apenas às horas noturnas como fato externo, lugar da ação, mas à noite como fato interior, equivalendo a um modo de ser lutuoso ou melancólico e à explosão dos fantasmas brotados na treva da alma (CANDIDO, 1989, p. 17).

Por isso, a “educação pela noite” imaginada pelo autor parte das conotações entre mistério e trevas para chegar a um discurso que se aproxima das potências do inconsciente. Os “fantasmas”, sejam os da melancolia e do desejo como condição “interior” que aprisiona ou liberta os sujeitos ou os perigos “externos” que rondam e nos apavoram com a possibilidade da morte, surgem nos fluxos dessa nova vida boêmia. Boemia imaginada e vivida pela escuridão do medo e da insegurança, mas também por iluminados momentos de diversão e de prazer que a noite da cidade proporciona.

Segundo o historiador norte-americano Jerrold Seigel (1992), uma das formas de ocupação da noite através dos processos de modernização das cidades foi a intensificação de uma vida boêmia. Os termos “Boemia”, *la Boheme* e “boêmio” surgem na França como um vocábulo para a palavra francesa que designava cigano – *bhoémien* – e, erroneamente, identificava a província da Boêmia, parte da antiga Tchecoslováquia³, como local de origem dos ciganos (SEIGEL, 1992). Com a ascensão da classe burguesa, da indústria, da urbanização e de um mundo moldado pela Revolução Francesa, a vida boêmia estabeleceu-se na Era Moderna, promovendo a ascensão de indivíduos beneficiados como pessoas livres, diversas e produtivas para desenvolver suas capacidades sociais (SEIGEL, 1992). Nesse contexto, segundo o autor, a boemia vai

³ A edição original da obra é do ano de 1986 e, desse modo, anterior a dissolução da Tchecoslováquia, em 1989, originando a República Tcheca e Eslovênia.

florescer, mesclando-se tanto com uma subcultura literária e artística evidenciada pelo estilo de vida marginal adotado por jovens burgueses quanto com uma população de operários explorados, pobres e mal pagos cuja incitação ao crime decorria, principalmente, dos nascentes ambientes urbanos industrializados. Tais realidades sociais projetavam modos de vida distintos, estranhos e até mesmo exóticos, inspirando a produção de um “fascinante” imaginário boêmio.

É preciso ressaltar que o entendimento de boemia exposto por Seigel (1992) não está dissociado dos processos de formação das cidades modernas e sua citação está carregada pelo imaginário urbano a partir de uma perspectiva burguesa. Incluiremos Robert Park nesta discussão (1973), pois desde início do século XX este sociólogo nos mostra que a cidade, como organismo social, está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que as habitam e estão articulados com a mobilidade social dos grupos e dos indivíduos. Para Park (1973), a possibilidade de mobilidade social é dependente da divisão do trabalho, que aumentou a interdependência e a segregação socioespacial, e um dos seus efeitos foi o de criar uma solidariedade fundada não somente sobre sentimentos e hábitos, mas também sobre os interesses políticos e econômicos.

Segundo o autor (1973), os lugares boêmios como pontos de encontro e locais de reunião são locais onde a tendência de segregação das pessoas não surge “apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos” (p. 63). Nessas zonas, denominadas por Park (1973), como “regiões morais”, a distribuição da população tende a ser bastante diferente daquela que é ocasionada por ocupações com trabalho e outras condições econômicas. As “regiões morais”, continua o autor, surgem como contraponto às restrições que a vida urbana impõe, possuindo a função de libertar as tensões, as paixões e os ideais reprimidos pelos quais se busca a emancipação da ordem moral dominante. A boemia, como “região moral”, antes de zona criminosa ou anormal, é região onde prevalece “um código moral divergente” e em que as pessoas que as habitam são dominadas menos por interesses e mais por gostos e paixões (PARK, 1973).

Em vista disso, como região de encontro para a diversidade de grupos e indivíduos, na boemia era quase impossível discernir as mobilidades sociais geradas pela industrialização e pela divisão do trabalho e suas distintas formas de ocupação características da organização socioeconômica burguesa. Tal condição não exime Seigel (1992) de imputar somente aos imigrantes e operários pobres e mal remunerados a responsabilidade pelo vício, a incitação ao crime, a vadiagem e a violência, permitindo-

nos perceber que práticas marginais podem ser realizadas por todos aqueles indivíduos que adentravam a boemia urbana.

Ainda que a noite seja vista como tempo de lazer, ócio ou transgressão, a boemia contemporânea tornou-se um campo perfeitamente rentável e diretamente relacionada com o desenvolvimento da sociedade de consumo (SANTOS e MOREIRA, 2008). Para os autores (2008), apesar de encontrar palco para a transgressão, à busca do prazer, da emoção e da excitação, a boemia contemporânea também é espaço de trabalho e de uma infinidade de prestação de serviços profissionais. As paisagens boêmias urbanas configuram-se como uma mistura de bares e espaços alternativos e independentes, promovendo uma vida noturna para culturas e gostos juvenis específicos, além de outros espaços comerciais que usam estratégias de mercado para atingir públicos de diferentes classes socioeconômicas (CHATTERTON E HOLLANDS, 2003).

Os autores elencados até aqui permitem perceber que a boemia apresenta inúmeras experiências em que são aprendidos outros modos de viver em espaços e tempos noturnos da cidade. Segundo Ellsworth (2005), a produção de uma experiência de aprendizagem se constitui pela atuação conjunta entre mente/corpo/cérebro, como movimentos de interação entre os sujeitos e o mundo. Uma experiência de aprendizagem, segundo a autora, aciona sentidos, possibilita sensações, movimenta-nos através do tempo e do espaço, coloca-nos entre o conhecer e o não conhecer, produzindo aberturas, intervalos de mudança para um futuro imprevisível. Segundo Ellsworth (2005), as experiências de aprendizagem se desenvolvem como um “*sense for aliveness*”, um “sentido para viver” como uma sensação de estar plenamente vivo, capacitando-nos para acessar e fazer uso do mundo em nossa volta.

As articulações entre “experiências de aprendizagens” e “pedagogias” são possíveis pela identificação dos pontos de contato entre os aspectos “objetivos” e “subjetivos” que funcionam como duplo movimento pelo qual o sujeito “governa-se” a si mesmo em constante relação com a exterioridade do outro e do mundo. Essa junção entre exterioridade/interioridade, conexão entre processos de objetivação/subjetivação, funciona como “dobradiça pedagógica”, como articulação pela qual um sujeito vive experiências de aprendizagem, orientando suas condutas mais cotidianas e assumindo determinadas posições de sujeito (ELLSWORTH, 2005).

As possibilidades de pensar como outras formas de pedagogias operam em nosso cotidiano são ampliadas por Albuquerque Junior ao afirmar que

[...] vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias opera no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos, etc. (2010, p.1).

Ao nos oferecer essa gama de possibilidades e ênfases acerca do entendimento de pedagogia, o autor permite lançar um olhar, tanto para aquelas práticas realizadas em ambientes urbanos e cotidianos quanto para aqueles modos de viver em diversos contextos socioculturais implicados com a condução e a modelagem dos sujeitos nos espaços e tempos contemporâneos.

Para Camozzato e Costa (2013, p. 23), no momento presente assistimos à pluralização das pedagogias, entendendo-as “como um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos – o que faz de cada um de nós um agente de incessante transformação e atuação com os saberes”. Ao produzirem outras formas de conhecimento e aprendizagem, as pedagogias que são esboçadas na contemporaneidade também favorecem a constituição de subjetividades e, em certo sentido, regulam as verdades de nosso tempo. Camozzato e Costa (2013) destacam que os ambientes culturais contemporâneos possibilitam a produção de pedagogias que acionam um conjunto de forças para intensificar e refinar as aprendizagens necessárias para nos tornar governáveis, sujeitos de si, criando condições para conduzirmos e sermos conduzidos na contemporaneidade. Tais pedagogias contemporâneas não necessitam de um mestre condutor, operam na produção da vontade do sujeito em seu processo subjetivo para a automodelagem (CAMOZZATO e COSTA, 2013).

A ampliação das fronteiras da pedagogia também é destaque no trabalho de Watkins, Noble e Driscoll (2015). Para os autores, as pedagogias operam em todos os lugares, a qualquer momento, proporcionando o entendimento de que as práticas cotidianas implicam elementos e processos pedagógicos sem distinção entre aprendizagem formal, informal ou institucional. Múltiplas pedagogias efetuam-se através de um emaranhado de relações espaciais e temporais, dispersos em diferentes contextos, implicando atores humanos e não humanos, como objetos, arquiteturas e tecnologias que nos ensinam a moldar capacidades, hábitos e comportamentos (WATKINS, NOBLE E DRISCOLL, 2015).

A pluralidade dos usos e entendimentos da(s) pedagogia(s) e suas formas de atuação possibilita investigar experiências de aprendizagem da vida boêmia urbana, ampliando ainda mais as formas de produção e o funcionamento das pedagogias que atuam nos espaço-tempo noturno contemporâneo. Na seção seguinte serão apresentadas as opções metodológicas de pesquisa.

2. Metodologia: passos investigativos na noite da cidade

Cabe salientar que este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa que adotou aspectos qualitativos, estabelecendo durante o percurso investigativo uma relação entre sujeito-objeto em que o pesquisador procura observar e analisar os diferentes ambientes sociais (BAUER E AARTS, 2014). A rota investigativa priorizou duas ruas de Porto Alegre: a primeira localizada no Centro Histórico e a segunda no bairro Cidade Baixa, tradicional reduto boêmio local. Os recursos utilizados foram registros fotográficos e audiovisuais, entrevistas e conversas informais com os informantes de pesquisa em lugares noturnos e públicos como ruas, praças ou parques.

Investigar lugares públicos da cidade possibilita abordar determinados atores sociais como personagens de cenas noturnas, que participam efetivamente da vida cidadina. Como destaca Magnani (2002), acompanhar os indivíduos “em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamento pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho do lazer, das práticas religiosas, associativas etc.” (p.17). Para tanto, o autor (2002) propõe um olhar investigativo que se coloque “de perto e de dentro”, aproximando-se das situações vividas, capacitando ao pesquisador apreender comportamentos e estilos de vida dos múltiplos, variados e heterogêneos atores sociais que fazem uso dos espaços e dinamizam a vida cotidiana na/da cidade. O uso de tal estratégia é pertinente com o tema proposto aqui, pois, ao investir na relação entre os atores sociais, suas práticas e a paisagem da cidade, amplia as possibilidades de identificação das experiências de aprendizagem produzidas nos lugares públicos noturnos.

Para a realização do trabalho de campo foi adotada uma metodologia híbrida, priorizando caminhadas noturnas na cidade pelas quais o pesquisador, ao estilo de um *flâneur* contemporâneo, traçou rotas, executou trajetos e construiu um percurso investigativo próprio inspirado em procedimentos da “etnografia pós-moderna” (Gottschalk, 1998) e na técnica da “observação casual” (Lorite García, 2000).

O *flâneur*, como foi apresentado por Baudelaire e exposto por Walter Benjamin (1994), pode ser visto como aquele que promove aberturas para olhar a cidade como paisagem vivida, como diálogos permanentes entre os sujeitos e os lugares. Para Benjamin (1994), a ação de flunar pela cidade se assemelha a uma “embriaguez”, pois o *flâneur* “não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como algo de experimentado e vivido” (p. 186). Peter McLaren (2000) afirma que a figura do pesquisador-*flâneur* corporifica a tentativa de viver em ambientes urbanos dentro de estratégias embaçadas e vertiginosas de representação e de discursos mutantes. McLaren (2000) problematiza o olhar reflexivo do etnógrafo que vive o duplo papel como *flâneur* e como pesquisador.

Gottschalk (1998), por sua vez, afirma que o pesquisador em campo precisa estar sensível às formas culturais contemporâneas, à importância dos aspectos subjetivos, às “verdades locais” próprias de cada lugar que impactam e afetam nossos sentidos, além de atento às múltiplas vozes e aos saberes populares que circulam os ambientes. Para tanto, o autor (1998) elaborou cinco métodos ou movimentos etnográficos, utilizando-os em sua pesquisa etnográfica na cidade de Las Vegas, Estados Unidos, afirmando que essa metodologia pode ser reformulada e adaptada para os demais contextos urbanos investigados⁴. Para Gottschalk (1998), a “subjetividade” e a “autorreflexividade” podem agir como componentes que ligam os problemas privados às questões públicas, permitindo perceber que o “outro” relatado no texto é sempre uma versão produzida. Para tanto, devemos desenvolver nosso próprio equilíbrio como pesquisador, relatando de “forma que propicie compreensão, identificação e empatia com fenômenos que estejamos evocando [...]” (p. 6), além de reconhecer e trabalhar a inevitável presença de nossa subjetividade em todo o processo investigativo de pesquisa.

As “derivações” que podem surgir em diversos pontos da cidade, enfatizando as “verdades locais” ou “lógicas” próprias de cada ambiente são destacadas por Gottschalk (1998). O autor busca inspiração na *derive*⁵ que o movimento da *Internacional Situacionista* creditava às cidades, em que os habitantes seriam mais do que espectadores,

⁴ Destacarei somente os métodos utilizados na pesquisa pela qual este artigo se originou.

⁵ A *Internacional Situacionista* foi um movimento de vanguarda formado por Guy Debord, em 1951, voltado à observação e percepção dos territórios e cenários urbanos. Segundo Felício (2007), a “psicogeografia” e a “deriva” foram procedimentos desenvolvidos e pelos quais a IS estudava como os componentes geográficos, a arquitetura, a luz, o clima e os sons produzidos na cidade afetavam o comportamento humano.

mas participantes de toda a interação no espaço urbano. Desse modo, para o autor (1998), a etnografia pós-moderna considera a “sensibilidade” aos impactos de luz, som, cores e cheiros presentes em diversos locais e que afetam nossos sentidos.

Para Lorite Garcia (2000), a técnica da “observação casual” difere de uma casual observação cotidiana, pois se vale da atenção dispensada pelo pesquisador em busca de observar um local no decorrer de um determinado tempo. O autor (2000, p. 8) afirma que essa técnica se “inicia ao acaso”⁶, advertindo que não visa selecionar *a priori* um local, mas sim devido aos acontecimentos e mudanças efetivas produzidas em uma dita realidade. Para Lorite Garcia (2000), o tempo destinado a uma observação não é estabelecido previamente, podendo durar, por exemplo, a viagem de ida e volta do seu trabalho.

Em relação aos sujeitos, Lorite García (2000, p. 10) afirma que o “observado casualmente não está sendo casualmente observado”, pois o autor presta atenção ao observado porque está respaldado por um modelo teórico flexível, desenvolvido por etapas e que está se construindo durante toda sua vida de pesquisador. Mediante essa observação casual, Lorite Garcia (2000) constrói e reproduz discursos, afirmando: “são narrações compostas que gravo mentalmente e monto textualmente com critérios audiovisuais como se tratasse de cenas e sequências de uma película” (p. 9).

Expostos os principais procedimentos metodológicos, avancemos às discussões analíticas em busca de identificar experiências boêmias por meio da apresentação das cenas noturnas.

2. Experiências boêmias e cenas noturnas

A organização por meio de “cenas noturnas” apresenta a descrição das práticas e relatos de sujeitos abordados nos lugares públicos investigados. O termo “cena”, do latim *scena* e do grego *skéné*, é definido como “tenda”, “lugar de sombra”, “abrigo de madeira onde se vestem os atores”, remetendo a um ambiente onde os indivíduos se transmutam em personagens, ocupando cenários noturnos boêmios. Devido às dimensões exigidas para este texto serão apresentadas três cenas noturnas.

⁶ Neste texto, as traduções deste autor são de minha responsabilidade.

3.1 Cena 1: Mana⁷ e os “jogos” noturnos

Virou o novo jogo da noite. Saímos caminhando para descobrir cerveja mais barata. Bebemos antes das festas para economizar. Compramos a bebida, colocamos em copos plásticos, caminhamos ou ficamos em alguma esquina para observar as filas dos bares e descobrir outros lugares. A fila para entrada em alguns lugares é enorme.

(Mana, 19 anos, estudante universitária).

A fala de Mana salienta a prática de caminhar à noite como condição para suas saídas noturnas. Caminhada que implica conhecimentos estratégicos desenvolvidos através dos deslocamentos realizados pelos mais diferentes locais do bairro Cidade Baixa, conhecido pela sua intensa movimentação boêmia. Mana está cercada de seus pares, localizada em um espaço-tempo com alta concentração de pessoas que a faz sentir-se segura. Por isso, na escolha e na procura dos possíveis lugares noturnos que serão frequentados é preciso saber “jogar” com as condições e as situações que determinados bares, danceterias e outros estabelecimentos apresentam. Uma das regras iniciais aprendidas nesse “jogo” no espaço-tempo da noite é o desenvolvimento de determinadas estratégias de deslocamento e de reconhecimento de determinados lugares.

A ideia de “jogo” foi usada por Winnicott (1972) para analisar as condições que permitiam determinados indivíduos saírem de um lugar e alcançar outro ponto possível. Esse jogo em que o indivíduo posiciona-se em uma zona intermediária, em um espaço de transição, permite uma “fusão” pedagógica entre sujeito e objeto. Transição que possibilita ao sujeito viver plenamente uma experiência de aprendizagem, pois está em conjunção com os outros e com o mundo. Segundo Winnicott (1972), esse jogo pode ser considerado uma “experiência cultural”, pois não se encontra dentro do sujeito, não é uma realidade psíquica interna, tampouco está totalmente fora, “pois isso seria dizer que tal relação não forma parte no mundo, mas um ‘não-eu’ que o indivíduo decide reconhecer como o que está exterior” [grifos do autor] (p.64), fora do alcance de seus domínios outros. Para dominar o que está fora de nós “é preciso fazer coisas, não somente pensar e desejar, e fazer coisas leva tempo. Jogar é fazer” [grifos do autor] (WINNICOTT, 1972, p. 64).

⁷ Os nomes dos indivíduos citados são fictícios, preservando a identidade dos participantes da pesquisa. As conversas e entrevistas foram autorizadas por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa na qual este artigo originou-se foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS) mediante parecer 2.094.903.

Yi-Fu Tuan (1983), sob outra perspectiva teórica, aponta na mesma direção ao salientar que a importância do espaço construído não está contida somente em suas características físicas ou demográficas, mas também em outras possibilidades de aperfeiçoamento das sensações e percepções humanas por meio dos pensamentos e dos sentidos. Nessa interação com o lugar, a posição que o corpo ocupa no espaço é central, pois todo indivíduo, ao localizar-se no espaço que o circunda, necessita encontrar diferenciação de acordo com seu corpo, adquirindo uma habilidade espacial antes da mente aprender a estabelecer tais relações (TUAN, 1983). Porém, para Tuan (1983, p.77), a mente em conjunção com o corpo cria complexos esquemas espaciais que só podem ser abrangidos por meio da experiência direta, vivenciada, pois a “habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando podem ser intuídos os movimentos e mudanças de localização”.

Mana e seu grupo de amigos boêmios acionam formas de se localizar e administrar suas saídas na noite como um “jogo” jogado no espaço-tempo de um lugar. Descobrir o lugar onde a bebida é vendida a preços mais acessíveis não está vinculado somente com as questões do consumo de uma boemia regulada por questões, mas pode ser vista sob a ótica de uma vivência que se funde tanto com as condições morfológicas de um lugar quanto com habilidades aprendidas. São considerados fatores como escolher a marca da cerveja menos pedida ou a mais cara, pois a geladeira onde está armazenada terá a porta aberta menos vezes e conseqüentemente sua temperatura se manterá mais gelada. Os deslocamentos, as mudanças de um lugar para o outro estão articulados com as condições “externas” e “internas”, possibilitando ao indivíduo criar percursos subjetivos em que o corpo, a mente e o cérebro estão conjunta e constantemente em ação. Caminhar, pensar, sentir, falar, localizar-se, intercambiar-se e calcular custos são ações emaranhadas na mesma rede, são inseparáveis.

Desde postar o corpo em determinadas posições (em uma esquina) submetendo-se à arquitetura de um lugar, observar (as filas e demais indivíduos) com o uso da visão e da audição, até o cálculo das distâncias e valores (das bebidas) são práticas cotidianas, aparentemente sutis, mas colocam o sujeito em ação na noite. Habilidades que indicam modos de se comportar, conduzir-se, aprendidos por meio das experiências que determinados lugares proporcionam na noite. Mana e seu grupo aprendem por meio das caminhadas pelo bairro boêmio, “jogando” com as inúmeras possibilidades que esses constantes deslocamentos proporcionam: relacionamentos, encontros, olhares, gestos e

até mesmo contatos físicos atuando como experiências de aprendizagem de si vivenciadas em um lugar público e noturno. Experiências de aprendizagem em constante operação em que o conhecimento tanto produz o sujeito quanto também é produzido por ele em um jogo de transições inacabadas que circulam entre os lugares, o eu e os outros.

3.2 Cena 2: André e os acasos na noite

André destaca-se pela sua vestimenta: botas de couro com um extenso solado, calças cortadas na altura do joelho, camiseta de banda de rock e uma jaqueta adornada com vários acessórios. Em nossa conversa, o jovem comenta que o “acaso” é o que mais o instiga para suas saídas noturnas, pois não sabe o que vai encontrar na noite.

(André, 20 anos)

O “acaso”, relatado pelo jovem André, destaca a prática de “sair” em busca do que a noite oferece. Por mais ocasional que pareça, essa condição está relacionada com os modos de convivência e códigos de pertencimento determinados pelas experiências de aprendizagem noturnas. As saídas noturnas de André mostram um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que está submetida à imprevisibilidade dos acontecimentos vividos essa busca se dá sempre no mesmo lugar: uma rua boêmia onde ele encontra sua identidade e senso de pertencimento. Uma aprendizagem que consiste em buscar segurança em um lugar previsto por meio do imprevisto. Seus encontros, como relações que dependem da eventualidade na noite, à primeira vista, sugerem ser marcados por práticas que não seguem direcionamentos programados previamente. André aprende a buscar o imprevisível, o inédito e o desconhecido em um espaço-tempo conhecido. Nesse processo, aprende ainda como comportar-se no lugar por meio de práticas e vivências comuns aos demais por ali, pois esse “desconhecido/conhecido” faz com que necessite reinventar constantemente seus modos de convívio na noite em um lugar que delimita suas ações e modela sua conduta.

O “desconhecimento” ou o “desconhecido”, para Ellsworth (2005), é a radical relação de interação do sujeito com o outro por meio de um espaço de transição e nesse espaço de trânsito entre o “exterior” e o “interior” é onde se estabelecerá o conhecimento. Encontramos nas aprendizagens desse personagem noturno a importância do espaço *in-between*, o “espaço entre”, que estabelece a diferença, o espaço que encontra um “*not me*”, um eu que ainda não havia sido percebido e que emerge em ações e práticas,

produzindo e transformando tudo aquilo que é elaborado e reelaborado consigo e com os outros. Ainda que exista a possibilidade de André combinar previamente com os amigos suas saídas noturnas e, com isso, localizando e justificando a delimitação de um espaço-tempo, o inesperado que transita entre o lugar não é eliminado, pois é no encontro com o outro desconhecido que a aprendizagem é produzida como um acontecimento imprevisível.

A abordagem ao jovem André e a observação às suas práticas demonstram que as experiências de aprendizagem estão igualmente integradas com os convívios que se efetuam pela via do conhecimento estético. Estética entendida menos como um conceito situado no campo artístico e mais como um conjunto amplo da vida social, englobando a empatia, o desejo, a emoção e a vibração em comum (MAFFESOLI, 1995, p. 53). Para o mesmo autor, se a vida pode ser vista como um tipo de obra de arte, a estética é entendida “como maneira de sentir e de experimentar em comum”.

A importância dessa estética das vidas em comum, realizadas através das práticas culturais e das vivências cotidianas e coletivas, é encontrada nas formas de se vestir, de escutar estilos musicais conforme as características que determinados lugares noturnos apresentam. Nessa comunhão estética, partilhada coletivamente por grupos e indivíduos na noite da cidade, os modos de aprender são evidentes, já que ao utilizar recursos que possibilitam a aceitação dentro de um determinado grupo, os jovens executam práticas, desenvolvem saberes e conhecimentos indispensáveis para a condição do pertencimento e da vivência noturna. Uma estética que coloca em circulação a “sabedoria do parecer” ligada com as formas de sociabilidades em que “ver” e “ser visto” não são anódinos à vida (MAFFESOLI, 2003).

São essas “sabedorias da noite”, conhecimentos do lugar vivido e praticado que proporcionam relações de imaginação e participação como experiências individuais e coletivas, pois a “escolha” da indumentária e do estilo sonoro não é decidida somente pelo sujeito, mas, como destaca Maffesoli (2003), as aparências, como vetor social, levam em conta uma “estética” que obedece às “éticas” dos comportamentos em grupo.

André aprende por meio das práticas realizadas e das relações estabelecidas com os outros e com o lugar noturno. Vestir-se e escutar estilos musicais semelhantes aos dos demais frequentadores marca sua identidade naquele lugar de aprendizagem. Pertencer, tornar-se parte de um lugar, conviver com o outro ainda que momentaneamente no decurso do espaço-tempo noturno, por meio de afinidades simbólicas e estéticas – em que

o visual e o sonoro são formas aparentes – constituem experiências de aprendizagem em que as “materialidades” de um lugar produzem encontros, aproximações. Lugares onde os espaços-tempos são transitórios, possibilitando a fabricação e circulação contínua de conhecimentos e saberes na noite. Saberes que possibilitam uma estética em comunhão como “preparação” para formas de ser e estar presente na noite.

3.3 Cena 3: Márcio e os encontros noturnos

Eu procuro uma música boa, cerveja gelada e “mulherada”. [...] Geralmente, quando tu saís à noite, tu saís mais pra “caçar”, pra curtir umas cervejas com os amigos, enfim. [...] Eu acho que esse relacionamento social se dá muitas vezes na noite.

(Márcio, 37 anos, funcionário público)

Notívago desde a sua adolescência, Márcio parece indicar à “música” e à “cerveja gelada” uma função pedagógica, considerando-as como artefatos cruciais utilizados na condução de suas práticas boêmias na noite, tanto para a congregação e celebração das amizades que podem ser fortalecidas quanto para a busca de mulheres. Essa composição, segundo ele, é indispensável para criar a “atmosfera”, o “ambiente favorável” que possibilita os “relacionamentos interpessoais” como modos de convívio entre os sujeitos e a vida noturna do lugar de aprendizagem.

Márcio chama sua procura por mulheres na noite de “caçada”. A palavra “caçar”, oriunda do latim *captare*, traz o sentido de agarrar, pegar e apanhar. O uso do termo objetifica as mulheres como corpos disponíveis na visão desse personagem urbano noturno. Márcio perambula de copo ou garrafa em punho, comprados em algum estabelecimento e utilizados como instrumentos para aproximação, em mais uma iniciativa que mostra a visão de poder sobre as mulheres agora no aspecto econômico de oferta de bebida. À procura de “música boa” que sirva de trilha sonora para sua noite, Márcio percorre diversas vezes a extensão da movimentada rua, aglomerada de pessoas, carros e motocicletas.

Nesse deslocamento, ele observa as mulheres nas filas, em um “ritual” que tem início com olhares que passeiam e contornam as formas dos corpos femininos e prossegue em conversas com as moças das filas, com abordagens como pedidos de informações sobre os locais ou oferecendo bebidas. Márcio aproveita estreitas calçadas para aproximação física com as mulheres, sentir o cheiro de seus perfumes ou mesmo

conseguir toque físico na impossibilidade de se desviar dos corpos. Por meio de estratégias furtivas, de olhares direcionados para alguém em específico, ou displicentes, que parecem passear sem ponto fixo pela multidão, o flunar noturno de Márcio pelo lugar possui um objetivo: seguir em tentativas sucessivas de conquistas e só entrar em algum estabelecimento após a movimentação na rua dar seus primeiros sinais de declínio.

As experiências vividas na vida pública, principalmente a noturna, constituíram-se, ao longo do tempo, como domínio moral distinto para homens e mulheres. Sennett (1998) salienta que para um homem burguês, desde o início do século XIX, o “público” possuía conotação moral particular, pois expressões como “sair em público” ou “perder-se em público” possibilitavam ao homem se retirar de suas respeitadas obrigações encarnadas em sua pessoa perante o espaço privado como pai e marido. Embora ligada ao imoral e ao oculto, a vida pública representava para o homem a “liberdade”, ao invés de uma região de desgraça como era para as mulheres até bem pouco tempo atrás (SENNETT, 1988).

No imaginário boêmio, o palco para as experiências dos personagens moldados e conduzidos no interior de domínios sociais foi construído sobre normas e regras formadas em plena era da industrialização das cidades e da urbanização dos modos de vida. É preciso salientar que esses “novos” modos de viver em público estão aliados à cultura moral de cunho burguês e a partir de uma perspectiva masculina que regulou “ascetismos”, orientando, principalmente as mulheres, para modos de vida apropriados até nos momentos mais íntimos e modelados, em grande parte, através das práticas e dos comportamentos sociais cotidianos.

Márcio, personagem desta cena noturna, atua como um “caçador”, impondo à mulher uma condição de “caça”. Percebe-se aí a diferença de papéis sociais a serem cumpridos na visão desse frequentador noturno. É preciso ressaltar que essa relação de “conquista”, de “caça”, evidenciada na boemia urbana está ligada à manutenção de estereótipos associados social e historicamente à condição da presença das mulheres em espaços públicos durante a noite. Casimiro (2017) afirma que as cidades têm uma significativa relação com o uso e a ocupação que o mundo masculino faz delas. Para a autora (2017), as cidades “foram idealizadas e erguidas dentro dessa perspectiva, em que a presença da mulher era ignorada e, portanto, desconsiderada no tocante às escolhas sobre forma e função que os espaços públicos teriam e como seriam acessados” (p.7).

No entanto, o tema das relações entre gêneros no espaço público urbano evidencia como as mulheres usam, movem-se e ocupam as cidades de distintas formas. São práticas sociais, vivências cotidianas que denotam importantes e necessárias mudanças implicadas com os múltiplos modos de viver femininos, principalmente durante à noite. Se por um lado, a combinação entre capitalismo e patriarcado são responsáveis para a formação de uma cultura que não proporciona a apropriação das mulheres às cidades, pois está relacionada a logicas pelas quais os homens desempenham o trabalho produtivo e mulheres o trabalho reprodutivo, por outro, a tomada e a ocupação dos espaços públicos pelas mulheres são um dos aspectos mais significativos nos processos de lutas e conquistas feministas (KOETZ, 2017). Embora variadas e complexas, para Porto, Coelho, Trombini e Lima (2017), as formas de engajamento feminino possuem “em comum um mesmo potencial disruptivo: romper com a dicotomia “mulheres privadas, homens públicos” - próprio da imposição ilegítima: público/político associado ao masculino e privado/apolítico associado ao feminino – e reivindicar um papel de agência nas arenas decisórias” (p.67).

A boemia, historicamente formada a partir de perspectivas masculinas, poderia servir como um palco para outras e singulares formas de reivindicação femininas no espaço público noturno? O relato de Márcio indica que sua aprendizagem na noite urbana opera a partir de uma perspectiva de poder do homem que impõe às mulheres a condição de um objeto a ser pego. Para ter sucesso nas suas investidas, ele adota, além de formas de aproximação, a importância de se vestir de modo a se tornar atraente, escolher assuntos para a abordagem ser bem-sucedida, visando à aceitação, e a optar por lugares de procura a partir da música, para aumentar a chance de encontrar algum tipo de afinidade com as mulheres que pretende caçar. Ao retratar uma forma-ritual de aproximação do ponto de vista do “homem-predador”, a cena noturna demonstra que na cultura heteronormativa e masculina, as práticas boêmias atuam como rompimento das regras diurnas.

Embora narradas aqui a partir da perspectiva de um personagem boêmio urbano, tais práticas evidenciam outras formas de segregação socioespacial em relação às mulheres, pois expressam por meio de regras e normas sociais executadas na noite os modelos masculinos que promovem a manutenção do poder concentrado nos homens. Na multiplicidade da boemia contemporânea, os modos de se vestir de falar, de colocar o corpo em destaque são dependentes das condições que determinados lugares públicos apresentam e indispensáveis na busca e aproximação ao outro. No entanto, essas são

“formas” de comportamento e atitudes realizadas em diferentes lugares que apontam para a manutenção de “forças” baseadas na distinção das relações entre homem/mulher durante a noite da cidade.

É importante salientar nesta discussão a respeito das questões sociais de gênero que, diferentemente do corpo masculino, o corpo da mulher é atravessado por distintas relações de poder em espaços públicos da cidade. O corpo feminino que ocupa contextos boêmios contemporâneos vive um constante jogo de negociações nas relações sociais noturnas, e, por isso mesmo, desenvolve outras formas de resistência a normas e regras impostas culturalmente pela sociedade patriarcal e machista. Se a intensificação das lutas feministas também passa pela autonomia do corpo, no tempo presente ela tem assumido significados mais amplos, pois a partir dos anos de 1990, tais lutas começam a se posicionar politicamente a partir de um local de poder e de construção das subjetividades que permeia os domínios do público e do privado. (PORTO; COELHO; TROMBINI e LIMA, 2017).

Crucial para a identificação das pedagogias boêmias, essa distinção entre gêneros evidencia a diversidade de experiências por meio da articulação entre as características físicas, as condições materiais dos lugares e os modos como são vividas e elaboradas de forma subjetiva determinadas situações na noite. Tratando-se de práticas noturnas femininas, ser e estar em circuitos boêmios da cidade exige das mulheres muito mais do que preparação estética como a escolha de indumentárias e acessórios específicos. Antes de sair de suas casas, as mulheres necessitam de um planejamento de horários, de rotas e de lugares em função do medo do assédio e da violência contra seus corpos (HELENA E TAVARES, 2017). Como destacam as mesmas autoras (2017), esse sentimento é muitas vezes relativizado, tornando-se indiferente para a maioria da sociedade. Práticas de proteção e de segurança como ações estratégicas executadas em espaços públicos, sejam em espaços de lazer ou de trabalho, funcionam para as vivências noturnas femininas como experiências de aprendizagem, pois, como afirma Ellsworth (2005), colocam o “interior”, através de sentimentos, desejos e ideias, em relação com o “exterior” cultural e socialmente construído.

Considerações finais

As cenas noturnas destacadas neste texto evidenciam distintas experiências de aprendizagem, possibilitando dar visibilidade ao funcionamento de pedagogias boêmias

na cidade. Experiências identificadas a partir das caminhadas pelo bairro, como um “jogo” à procura de locais acessíveis para beber e se divertir, destacadas pela jovem Mana; o “acaso” como busca do imprevisível em um local noturno conhecido salientado na segunda cena; e as “caçadas” de Márcio em busca de relacionamentos. Aprender a viver em lugares noturnos e públicos através da “relação” estabelecida como interação entre eu/outro/mundo reafirma a experiência de vínculos sociais. Se por um lado, os espaços-tempos noturnos da cidade possibilitam o estreitamento dessas relações, por outro, suas práticas e conhecimentos são decorrentes da interação com os lugares que ocupam.

A boemia contemporânea é marcada por segregações sociais, econômicas e espaciais, sejam aquelas relacionadas com consumismo, em que a experiência da noite é diferente para quem tem condições financeiras de pagar por diversão e quem precisa de estratégias para se divertir sem dinheiro, e com questões de gênero que delimitam condições distintas para homens e mulheres em lugares públicos na noite da cidade, mantendo os homens no papel de poder sobre as mulheres, desde o exercício de liberdade de ir e vir até a objetificação do corpo das mulheres, consideradas como à disposição para caça como no relato de Márcio. Embora essas diferenças estejam presentes nos contextos urbanos boêmios, as experiências vividas na noite nos aproximam do que Ellsworth (2005) destaca como “zonas de interação”. Nessas zonas, as práticas de grupos e indivíduos são balizadas pela interação social e é impossível discernir onde começa e termina o conhecimento e a aprendizagem, pois são experiências pelas quais os sujeitos aprendem a viver na noite através da relação com os outros e o mundo. Entendidas menos como “aquisição” ou “transmissão” de conhecimentos entre sujeito-objeto e mais como “interação” e “transição”, essas são experiências estimuladas pelo que Park (1973) denomina como “contágio social” pois associam grupos com hábitos e costumes em comum, proporcionando intimidades entre si, em que corpos, sentimentos e práticas se cruzam em distintos lugares noturnos da cidade.

O desafio de encontrar pedagogias boêmias se traduziu pela identificação das experiências de aprendizagem produzidas por meio da relação dos sujeitos entre si e por meio das diferentes condições e situações que a noite da cidade proporciona. Para Ellsworth (2005), os encontros, os convívios, as experiências que produzem aprendizagens entre os sujeitos e os lugares possuem um intento pedagógico construído

por caminhos que enfatizam processos que criam movimentos, sensações, intensidade, ritmo, passagens, provocando mudanças argumentativas de si mesmo.

Por fim, resta salientar que essas são pedagogias evidenciadas pelos modos de vida boêmios e estão diluídas na diversidade do universo noturno. São reguladas por meio de múltiplas condições e situações, colocando em funcionamento distintos modos de condução. Se existe alguma intencionalidade nas formas de operação e funcionamento das pedagogias da noite, elas são da ordem das experiências vividas na boêmia, das condições que os lugares de uma cidade proporcionam e dos contextos culturais em que são produzidas.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras. In: BUJES, M. I. E.; BONIN, I. T. (Orgs.). *Pedagogia sem fronteiras*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, p.21-31.

BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Organização de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Emerson Alves Baptista. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas: vol. III).

CASIMIRO, L. M. S. M. As mulheres e o direito à cidade: um grande desafio no século XXI. In: KOETZ, V.; MARQUES, H. D.; CERQUEIRA, J. T. (orgs). *Direito à Cidade: uma visão por gênero* - São Paulo: IBDU, 2017. p. (7 -11).

PORTO, D.; COELHO, L. X. P.; TROMBINI, M. E.; LIMA, R. P. Do lar às ruas: pixo, política e mulheres. In: KOETZ, V.; MARQUES, H. D.; CERQUEIRA, J. T. (orgs). *Direito à Cidade: uma visão por gênero* - São Paulo: IBDU, 2017. p. (62-71).

CAMOZZATO, V. C.; COSTA, M. V. *Vontade de pedagogia – pluralização de pedagogias e condução de sujeitos*. Cadernos de Educação (UFPel), n.44, p.22-44, jan/abr 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2737>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CANDIDO, A. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Àtica, 1989. Disponível: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>. Acesso em 17 de dez. 2019.

CHATTERTON, P.; HOLLANDS, R. *Urban Nightscapes. Youth Cultures, Pleasure Spaces and Corporate Power*. First published 2003 by Routledge. London: 2005. Disponível em: <<https://www.amazon.co.uk/Urban-Nightscapes-Cultures-CorporateGeographies>>. Acesso em: 21 ago. de 2014.

ELLSWORTH, E. *Places of Learning: media, architecture, pedagogy*. London; New York: Routledge, 2005.

FELÍCIO, E. Internacional Situacionista. In: FELÍCIO, E. (Org.). *Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário*. Porto Alegre: Deriva, 2007.

GIROUX, H. A., MCLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 144-158.

GOTTSCHALK, S. Sensibilidades Pós-Modernas e Possibilidades Etnográficas (Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities). Tradução de Ricardo Uebel. In: BANKS, A.; BANKS, S. P. *Fiction and social research: by ice or fire*. AlnutCreek/London/New Delhi: Altamira Press, 1998. (Ethnographic Alternatives V. 4. Capítulo13).

HELENE, D.; TAVARES, R. B. Gênero e estudos urbanos, uma conciliação necessária. 11 Out. 2017. *ArchDaily Brasil*. Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/881263/genero-e-estudos-urbanos-uma-conciliacao-necessaria>. Acesso: 22 Jan 2021.

MCLAREN, P. *Multiculturalismo Revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Tradução de Márcia e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *O Instante Eterno. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Tradução de Rogério de Azevedo e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Tradução de Vera Ribeiro. Atlântica Editora: Rio de Janeiro, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 25 jan. 2021.

LORITE GARCÍA, N. *La observación casual: una propuesta para el estudio de las transformacionessócio-mediáticas*. Encontro Internacional de Investigadores de la Comunicacion. Alaic, 2000, 26-27 de abril. Santiago de Chile.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio Urbano. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973. p. (25 -66)

SANTOS, N. P.; MOREIRA, Claudete Oliveira. O lazer e a noite. imagens de uma cidade universitária: Coimbra (2008). In: SANTOS, N. P.; GAMA, A. (Orgs). *LAZER: Da Libertação do tempo à conquista das práticas*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2008.

SEIGEL, J. *Paris Boêmia – Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa: 1830 1930*. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SENNETT, R. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TUAN, Yi- Fu. Espaço e Lugar. A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

WATKINS, M.; NOBLE, G.; DRISCOLL C. Pedagogy – the unsaid of socio-cultural theory. In: WATKINS, M.; NOBLE, G.; DRISCOLL C. (eds). *Cultural Pedagogy and Human Conduct*. London: Routledge, 2015.

WINNICOTT, D. W. *Realidad y Juego*. Tradução de Floreal Mazia. 1. ed. Buenos Aires: Granica, 1972. 199 p. (Coleção Psicoteca Mayor).